

ESCREVER HISTÓRIAS DO TEMPO PRESENTE. ALGUMAS QUESTÕES E POSSIBILIDADES

*Cristiani Bereta da Silva*¹

Resumo: O presente artigo discute algumas das implicações, e também possibilidades teóricas e metodológicas na história do tempo presente. Busca também distinguir diferentes contribuições no debate atual sobre a história do tempo presente, na tentativa de que esse domínio, (de) ainda instável e imprecisa definição, possa fazer parte das discussões de um número cada vez maior de profissionais e estudantes que se interessam em desenvolver pesquisas inscritas no tempo histórico, ao qual são contemporâneos.

Palavras-chave: História, tempo presente, historiografia.

Abstract: This article discusses some implications, theoretical possibilities and methodologies concerning the history of the present time. It also aims at identifying different contributions in the current debate concerning the present time, in an attempt to make this domain of still unstable and imprecise definition part of the discussions of an every increasing number of professionals and students interested in developing research on the history of the period of time which they are living in.

Keywords: History; present time; historiography

Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro. (ARENDDT, 2000)

As últimas décadas do século XX marcaram a presença da expressão "história do tempo presente" nos círculos dos profissionais da área de História. No Brasil, em especial a partir da segunda metade da década de 1990, é possível perceber seminários, cursos e publicações sobre o tema, mesmo que timidamente. Laboratórios como o TEMPO - Laboratório de Estudos do Tempo Presente² do Instituto de Filosofia

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação - Departamento de História - UDESC.

² Informações podem ser obtidas pelo site: www.ifcs.ufrrj.br/tempo ou e-mail: tempo@ifcs.ufrrj.br.

e Ciências Sociais da UFRJ, criado no primeiro semestre de 1995 e os fóruns de discussão como os da revista virtual *Klepsidra*³ podem servir de ilustração. Além disso, programas de cursos de graduação e pós-graduação em História, nesse período, trouxeram a história do tempo presente para seus currículos, organizando-a ao lado de disciplinas clássicas do curso, como: “História Moderna e História Contemporânea”⁴.

A “recuperação”⁵ do presente como objeto da história deu-se a partir da Segunda Guerra Mundial em países como a Alemanha, França, Reino Unido e Espanha. Nas décadas seguintes, em especial, nas de 1980 e 1990, historiadores de outros continentes também passariam a fazer parte das discussões sobre o tempo presente na História. A criação de grupos de estudos, laboratórios e associações sobre o tema revela a integração de um outro domínio no âmbito do tempo histórico por uma parcela significativa de historiadores. Por outro lado, para além desses fóruns instituídos o que se observa é o caráter ainda limitado da reflexão e da discussão sobre esse campo de conhecimento, contribuindo para dimensionar as resistências e as confusões que acompanham o uso da expressão “história do tempo presente.”

Parte destas reações relaciona-se a multiplicidade de tempos e temas situados como estudos do tempo presente. Sob esse outro domínio temporal da história, encontramos estudos que tanto podem estar localizados na década de 1950 quanto em 2000, associados ao passado recente ou ao presente imediato. Como ilustrativo de histórias do tempo presente há estudos sobre: fascismo, os conflitos em torno dos processos de colonização e descolonização, política internacional, autoritarismo e democracia, feminismo, transformações no mundo do

³ www.klepsidra.net

⁴ O curso de Pós-Graduação Lato Sensu "História do Tempo Presente: pensamento e transformações do mundo rumo à globalização" da Universidade do Estado de São Paulo - UNESP/ Campus de Franca autorizado em 2001 pelo MEC, cujo principal objetivo é *construir um espaço de reflexão qualificada e promover uma investigação aprofundada acerca das diferentes correntes de pensamento contemporâneo a fim de discutir os fundamentos teóricos do conhecimento do presente, a partir da perspectiva histórica (...)* é exemplo dessa atual demanda de história do presente. Assim como o curso de História da Universidade Cândido Mendes, que em seu currículo possui a disciplina "História do Tempo Presente". Ver: www.ucam.edu.br/humanidades/graduação.

⁵ *O estudo do presente nem sempre foi visto como problemático pelos historiadores. Heródoto e Tucídides, por exemplo, expunham fatos que se relacionavam com assuntos vividos pelos mesmos, e tinham os testemunhos orais como fontes praticamente exclusivas. Contudo, a maior parte da historiografia posterior preteriu essa tendência, tornando pouco a pouco a escrita de uma história recente bastante problemática.*

trabalho, globalização, neoliberalismo, crise na Argentina em 2001/2002, os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, os ataques dos EUA ao Iraque em 1991 e 2003. No Brasil, além desses temas há também: ditadura militar, movimentos populares, sindicalismo, grupos ou partidos de esquerda, a própria eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência, entre tantos outros.

A grande variedade de temas e problemas bem como de limites temporais compreendidos como estudos do presente trazem algumas questões importantes. Por um lado, o alargamento do campo de pesquisa e a multiplicidade de temas informam avanços e conquistas na historiografia em relação ao que seria o “segundo” domínio no âmbito do tempo histórico: o presente. Um objeto temporal negado durante muito tempo pelos pretensos herdeiros da “casta Clio”, envolvidos em guardar a tradição positivista da história como “ciência do passado”.

Ao deixar de ser apenas um espaço de tempo compreendido como um lapso ahistórico, o presente apresentou um campo cheio de possibilidades aos historiadores dispostos a vencer seus desafios. Por outro lado, esse alargamento dimensiona, na mesma medida, a complexidade da relação mantida entre o historiador e um tempo que lhe reserva “contatos demasiado ardentes” (BLOCH, 2001:61), aos quais os historiadores ainda não se habituaram. Como bem lembrou o professor Carlos Barros, coordenador de “História a Debate”⁶, falta hábito para que os historiadores possam analisar o presente como historiadores (2003).

A busca de dotar de inteligibilidade um campo ainda tão difuso quanto o presente, tem tornado fecundo o terreno dos questionamentos, dos debates e das dificuldades para os historiadores de modo geral. Questões há muito formuladas seguem firmes fazendo parte do cotidiano daqueles que tentam escrever histórias do seu tempo: O que definiria uma pesquisa como história do presente? Onde começaria ou terminaria esse presente? Seria possível situá-lo? Retomando algumas indagações de René Rémond, seria importante pensar o que, em meio a essa variedade de assuntos, constituiria a unidade do tempo presente. Seria sua situação quanto à duração, sua inserção no tempo, sua proximidade em relação ao historiador? (1996:206)

⁶ História a Debate - HaD - é uma rede acadêmica, sediada na Universidade de Santiago de Compostela - Espanha - e que reúne historiadores de diferentes lugares do mundo mediante atividades presenciais e também na Internet, dentro e fora das instituições acadêmicas. Informações: www.h-debate.com.

As fronteiras demasiado flexíveis que delimitam os estudos do presente contribuem para que diferentes perspectivas subsistam dentro desse campo de conhecimento, portanto não espero, evidentemente, dar conta da tarefa de responder estas questões. Ao invés de respostas espero contribuir para que estas e outras questões sigam sendo pensadas, (re)formuladas. O exercício, tão difícil quanto necessário, que me proponho fazer neste artigo será refletir sobre as implicações metodológicas de escrever histórias do nosso próprio tempo. Tentar distinguir diferentes contribuições no debate atual sobre o tempo presente, na tentativa de que esse domínio de instável e de imprecisa definição possa fazer parte das discussões e reflexões de um número cada vez maior de profissionais e estudantes que se aventuram a explorar através de pesquisas o tempo histórico, ao qual são contemporâneos.

A despeito da expansão e da legitimação dos estudos históricos do presente, do horizonte de possibilidades que a pesquisa descortina, ainda permanecem resistências à sua incorporação como objeto da história. Mesmo na atualidade não há consenso sobre as especificidades do tempo presente, que permanece - talvez aí residindo sua maior sedução -, um campo aberto, subjetivo e plural a ser explorado. Utilizando-me da experiência de ter construído um trabalho situado nesse campo, espero contribuir para algumas reflexões sobre as riquezas, os resultados, e também as dificuldades que fazem parte do cotidiano daqueles que se sentem tentados a problematizar seu próprio tempo. Porém, muito mais que pontuar possibilidades e limites, pensar sobre as questões e dilemas que emergem nesse debate, tão antigo quanto atual, é também uma forma de refletir sobre a História, e sua própria capacidade de se explicar como efeito de práticas discursivas na contemporaneidade, afinal história do tempo presente é primeiramente e antes de tudo história.

Um pouco da história do tempo presente na História.

Na virada do século XIX para o século XX historiadores discutiam ainda o que era ou não história, a partir da distância que se tinha do passado. As lembranças de Bloch sobre estas definições, do que pertencia ou não a este campo de conhecimento, dão pistas destas disputas que fizeram parte da definição da ciência histórica.

“A partir de 1830, já não é mais história”, dizia-nos um de nossos professores de liceu, que era [muito] velho quando eu era muito

jovem: “é política”. Não diríamos mais hoje “a partir de 1830” - as Três Gloriosas, por sua vez envelheceram - nem “é política”. Antes num tom respeitoso: “é sociologia”; ou, com menos consideração, “jornalismo”. (BLOCH, 2001:61)

Essa “média matemática de um intervalo de tempo” buscando definir limites para o campo histórico constituía-se também numa forma de diferenciar a história de outras áreas de saber, como a política, a sociologia ou o jornalismo. Assim, o processo que acabou por atribuir à história a interpretação do passado pode ser percebido no interior da institucionalização da história como disciplina universitária. Emergia nesse momento, a idéia de que apenas indivíduos possuidores de uma formação especializada poderiam executar corretamente a tarefa de “escrever a história”. Os historiadores recrutados pelas universidades no século XIX eram especializados na Antiguidade e na Idade Média, períodos que exigiam o domínio de um conjunto de procedimentos eruditos. Com isso, pretendia-se impor critérios rígidos que permitissem separar os “verdadeiros” historiadores, dos amadores, pois apenas aqueles reconhecidos como profissionais poderiam interpretar os traços materiais do passado, que invariavelmente necessitariam estar arquivados e catalogados.

O que estava em jogo nessa disputa era a especialização do sujeito historiador. Eram as competências exigidas para trabalhar com os documentos que iriam garantir o monopólio do saber histórico aos especialistas, os quais deveriam, portanto, rejeitar os estudos sobre a contemporaneidade, uma vez que nesse campo seria impossível afastar os amadores. A desqualificação da história recente, bem como o uso dos testemunhos diretos podem ser explicados a partir desse embate entre historiadores profissionais e os chamados amadores. A história recente, “menos nobre”, acabou sendo relegada aos amadores, enquanto os profissionais ficavam com a parte “científica”, os documentos, os arquivos, que permitiriam interpretar o passado objetivamente. A “história dos positivistas não tinha presente”, e contribuiu fortemente para que o estudo do contemporâneo se tornasse uma “história sem objeto, sem estatuto e sem definição.” (NORA, 1990).

Questões sobre objetividade ou a cientificidade foram alvo de intensos debates entre sociólogos e historiadores na transição do século XIX para o século XX. Sociólogos discípulos de Durkheim, em particular François Simiand, criticavam os métodos de pesquisa concebidos pelo positivismo para garantir a objetividade, alegando que o

recuo no tempo não garantia a imparcialidade da história. (LE GOFF, 1990). Significativamente, tempos depois desse debate, Michel de Certeau seguiria chamando a atenção quanto à “redundância da necessidade de lembrar que, mesmo uma leitura do passado, por mais rigorosa que seja a análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente”. (1982:34) Tanto a leitura do presente quanto à do passado se organizam em função de problemáticas impostas por uma determinada situação. Por mais que se lute para evitar sentimentos, sejam eles preconceituosos ou não, não é possível deixar de pensar e, deste modo, constituir “verdades” sob pontos de vista bastante particulares. Todo o trabalho do historiador é tributário de sua época, mesmo os livros de história antiga não deixam de trazer os posicionamentos políticos, as maneiras de pensar o mundo e as coisas, enfim as marcas de quem os escreveu.

Até a década de 1930, especialmente se considerarmos a França, história e tempo presente ainda pareciam termos por demais contraditórios para serem relacionados entre si. O lançamento na França da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre, que em 1946 receberia seu nome atual, *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, promoveria um profundo movimento de transformação no campo da história e abriria espaço para a recuperação do presente como objeto de estudo dos historiadores. Segundo Jacques Le Goff, Lucien Febvre e Marc Bloch estavam fascinados pelo presente, por “mais estudioso do século XVI que tenha sido um e por muito medievalista que tenha sido o outro, viam como necessário o alargamento do domínio da história até o presente”. (1990:278).

Com a transformação da “velha ciência do passado” numa ciência do homem e das sociedades humanas no tempo, o contemporâneo voltava a encontrar um lugar legítimo na história, e a ser objeto de estudo do historiador. Mas as mudanças sopradas pelos ventos da *Annales*, embora inconfundíveis, não alteraram de imediato a postura anterior no que dizia respeito ao período de interesse e às fontes dos historiadores. O período privilegiado pelos ventos renovadores não foi o contemporâneo e sim o medieval e o moderno. Dos numerosos artigos publicados pela Revista na década de 1930, apenas 20% se reportavam ao presente. Não só o número de estudos, mas a autoria dos mesmos: sociólogos, etnólogos, etc., informam que o contemporâneo seguia sem historiadores que lhe contasse a história. (CHARTIER, 1990).

Novas gerações da Revista, porém, que acabaria por se tornar uma Escola, - ou pelo menos, assim começou a ser chamada - quando se afiliou institucionalmente à Sexta Seção da École Pratique des Hautes Études, depois da Segunda Guerra, acabaram dimensionando o presente, contribuindo para recuperá-lo como domínio histórico. Na esteira de discussões travadas no pós-guerra: nazismo, fascismo, descolonização de países africanos, entre outros, os historiadores perceberam a necessidade de alargar definitivamente as fronteiras temporais dos seus estudos. Afinal de contas não fazia muito sentido esperar trinta anos para se estudar questões que implicavam profundas transformações e conseqüências na vida das pessoas.

Para o historiador Pierre Nora, que na década de 1980 dirigiria um seminário sobre "História e Tempo Presente" na École Pratique des Hautes Études, toda a escola histórica tem afinidades eletivas com um certo período e o desenraizamento, observado nas primeiras décadas do século XX, já parecia fornecer o campo de uma etnologia relativa à própria sociedade naquele momento. Desenraizamento este que se acelerou brutalmente desde a Segunda Guerra e impôs uma espécie de "terceiro fôlego à História," a qual só pôde encontrá-lo na história contemporânea. (NORA, 1989).

Talvez em razão disso, a emergência da noção de história do tempo presente tenha entrado no vocabulário corrente dos historiadores - europeus, bem entendido -, mais especialmente, após a década de 1940. Historiadores alemães, franceses, e depois ingleses e espanhóis ao explorar as rupturas e as transições históricas recentes, contribuíram para criar outras possibilidades para o estudo da história. Toda a intensificação dos ritmos da história traduzidos pelos acontecimentos da Primeira Guerra e Revolução Soviética, bem como a Segunda Guerra estimularam o desenvolvimento do estudo do contemporâneo.

No final da década de 1970, a fundação do Institut d'Histoire du Temps Présent, o IHTP⁷, em Paris, difundiria a expressão "história do tempo presente", servindo como referência para diferentes associações e laboratórios sobre história do tempo presente e até mesmo história imediata constituídos posteriormente.⁸ Fundado em 1978, e

⁷ Informações podem ser obtidas no site: www.ihtp.cnrs.fr ou pelo e-mail: ihtp@ihtp.cnrs.fr.

⁸ Como ilustração é possível citar: A Asociación de Historia Actual - AHA - www.historia-actual.com; A Asociación de Historiadores del Presente www.historiadelpresente.com ambas na Espanha. Sobre História Imediata, o Groupe de Recherche em Histoire Immédiate - GRHI - www.univ-tlse2.fr/grhi.

inaugurado em 1980, como um laboratório do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França - CNRS -, o IHTP marcaria os caminhos que as percepções sobre a escrita de uma história do presente iriam percorrer, ao aprofundar as discussões acerca das relações entre passado e presente na história. Sob a liderança de François Bédarida, que dirigiu o Instituto desde sua fundação até dezembro de 1990, historiadores do porte de René Rémond, Jean-Pierre Rioux, Henry Rousso e outros intelectuais, fizeram do IHTP um centro multidisciplinar que reúne, ainda na atualidade, sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e historiadores de diferentes países, incluindo o Brasil.

Mas a delimitação acerca do que compreenderia as fronteiras do tempo presente na história não ficaria livre de disputas, divergências, relações de poder estabelecidas entre os historiadores ao longo desse período. René Rémond, presidente do Comitê Científico do IHTP desde sua criação até junho de 1989, lembra que entre seus colegas do Instituto haviam questões relativas ao tempo, ou seja, se o caráter de proximidade poderia especificar inteiramente a história do tempo presente. Tratava-se de uma história como as outras ou de uma história distinta? Ela dependia do mesmo método? Estava sujeita a mesma problemática? (RÉMOND, 1996:207)

Alguns historiadores que integravam o IHTP defendiam a necessidade de esperar o tempo transcorrer até que o tempo presente se tornasse objeto de história, atitude que indicaria a irredutibilidade, a especificidade da mesma. François Bédarida e René Rémond discordavam, defendendo que não havia razão para estabelecer diferenças que distinguissem a história do tempo presente e outras histórias. Respondiam a estas questões com o argumento de que não havia “diferença entre a atividade do historiador que estuda a guerra do Peloponeso e a daquele que se interessa pela II Guerra Mundial” (RÉMOND, 1996:207).

No que diz respeito à delimitação do campo que constitui o objeto próprio da história do tempo presente percebe-se que a opção do IHTP foi a de marcar limites entre uma história da proximidade e uma história imediata. A história do tempo presente para o IHTP, portanto, é uma história da duração, o presente, um passado recente. Mas o passado, o qual o presente histórico se refere não é um passado qualquer, é um tempo móvel, cambiante, que implica necessariamente numa revisão contínua de seus limites pelos historiadores do tempo presente. Sem esta revisão os historiadores do presente correriam o risco de se debruçar sobre uma história demasiado distante para ser definida como

presente. Isso porque a “reflexão da história do tempo presente de repente envelhece e passa a condição de objeto do passado” (RÉMOND, 1996:208).

Exemplo disso são os estudos do pós-guerra desenvolvidos mais amplamente na Alemanha, e é claro, na França. Nas décadas de 1960 a 1980 faziam parte do campo de pesquisa do presente, em 2004 parece não fazer muito sentido pensar nesses estudos como situados no domínio histórico do presente. Sob esta perspectiva não é difícil imaginar porque a dimensão do tempo, o recorte temporal do que seria uma história do presente constitui-se num dos grandes problemas de definição desse campo. Se o tempo presente é um passado recente em contínua mudança, então afinal, o que é o presente?

Os tempos da história do nosso próprio tempo.

O horizonte do possível que a história nos oferece em relação ao tempo: criar lacunas, imobilizar tempos e espaços, implica a necessidade de refletir sobre a subjetividade dos começos históricos, da fluidez dos limites construídos, criados, na prática historiográfica. Nas discussões sobre a "História Nova" nas décadas de 1970 e 1980, estudos do presente eram também referência aos estudos do contemporâneo.⁹ Pensar a história do tempo presente, ou nos limites que poderiam circunscrevê-la impõe, antes, a necessidade de se esclarecer o recorte cronológico que estamos falando afinal. No Brasil, não são poucos os livros didáticos e paradidáticos de história e também programas de estudos, que seguem fazendo circular a idéia de uma história contemporânea, a qual a Revolução Francesa lhe assinala o corte, seguindo de 1789 até os dias atuais. Mas ao lado dessa referência ao "contemporâneo" como um continuum no tempo, há programas que adotaram a história do tempo presente para marcar o período pós-Segunda Guerra. Tratam-se, portanto de começos, marcas, para isolar no tempo um determinado campo de pesquisa.

A despeito disso convém lembrar, que, mesmo antes da Segunda Guerra, história contemporânea não tinha o mesmo significado para alemães e espanhóis, por exemplo. Para os primeiros, o ano de partida era 1917, para os segundos, a guerra civil de 1936. Na década de 1970, diferentes discussões convergiam no sentido de apontar o período

⁹ Historiadores como Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Michel de Certeau, Georges Duby entre outros numa mesa redonda intitulada "A História - Uma Paixão Nova" se referem ao campo de pesquisa do tempo presente também como estudos do contemporâneo. Ver: ARIÈS et al, 1989.

posterior à Segunda Guerra Mundial como ponto de partida para uma história contemporânea. Na França surge a opção de chamar esse período de "História do Tempo Presente" expressão cunhada pelo IHTP. Na atualidade, outros acontecimentos, como o fim da Guerra Fria, ou ainda mais recentemente, os ataques aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, têm sido responsáveis por reconsiderações acerca da dimensão bastante fluida do tempo presente.

Na década de 1990 a multiplicação de associações e grupos de estudos, tendo como eixo o presente, apresentam esse domínio temporal como um campo de estudo do contemporâneo, entendido como história do presente que pode estar associado à história atual, que por sua vez difere-se de história imediata. No Boletim n.º 7 da Associação de História Atual da Universidade de Cádiz, Espanha, publicado em 2003, percebe-se que os historiadores têm se empenhado em marcar estas diferenças. No artigo Reflexiones sobre una novísima historia-tiempo, o autor Carlos Navajas Zubeldia, compara os historiadores "atualistas" aos "presentistas". Na seqüência, o Boletim traz uma entrevista com o professor Carlos Barros, coordenador da rede acadêmica "História a Debate" - HaD -, que fala sobre o debate aberto intitulado: Es posible una historia inmediata?, proposto pela rede e debatido por cerca de 1500 historiadores de mais de 50 países. Nessa entrevista, Carlos Barros afirma que a história imediata praticada na rede não é história contemporânea, nem é a história do tempo presente compreendida como o intervalo temporal que vai desde a Segunda Guerra mundial até hoje, "es la historia del momento que estamos viviendo".

Buscar definições do que é presente, contemporâneo e imediato em dicionários específicos da área, é um exercício que pode nos informar que os limites entre esses termos não são assim tão precisos, conquanto evidentemente não signifiquem a mesma coisa. Ao procurarmos no dicionário "A nova História" - na verdade também uma coletânea de artigos organizada por Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel - publicado em 1978, o termo "Contemporânea (História)" veremos a indicação: "ver Presente". Já História Imediata possui um artigo no dicionário, de autoria de Jean Lacouture, que discute os "domínios da história imediata". Na década seguinte, 1986, seria publicado na França o "Dicionário das Ciências Históricas" organizado por André Burguière, que traria a "Imediata (História)" e "Tempo presente" como itens correlatos de "Contemporânea (História)".

Refletir se história imediata seria o mesmo que história do tempo presente e história contemporânea é um exercício que pode admitir respostas diferentes. O próprio historiador Carlos Barros revela isso em sua fala: num momento crê na diferença, em outro, admite que pode ser apenas uma questão de semântica. Os historiadores relacionados a história imediata situam-se como historiadores do momento em que vivem, enquanto grande parte dos historiadores relacionados ao tempo presente, centram sua pesquisa no passado recente. Talvez a diferença, no caso dos historiadores do imediato, possa estar localizada na disposição de trazer para o âmbito da reflexão histórica, acontecimentos situados num passado muito mais recente do que os presentistas. O problema, de fato, não se restringe ao nome, ou mesmo ao recorte temporal, mas sim a metodologia, à reflexão historiográfica.

A expressão "História Imediata" foi bastante difundida a partir do artigo homônimo de Jean Lacouture, publicado em 1978 na coletânea, já citada: "A nova História". À época, jornalista do *Le Monde* e redator de *Le Nouvel Observateur*, assim como professor do Institut des Hautes Études Politiques de Paris e na Universidade de Vincennes, Jean Lacouture havia fundado a original coleção "L' Histoire immédiate" nas edições *Le Seuil* - e levantava questões bastante inovadoras ao propor associar a prática do historiador à atividade do jornalista.

Logo no início do artigo o jornalista faz uma provocação: "fazer história imediata é ser Georges-Jacques Danton levado ao cadafalso, falando ao povo sobre a sua ligação com a Revolução e dizendo-lhe qual o significado da sua morte" (1990:314). Num momento em que a historiografia européia, com exceção dos círculos anglo-saxônicos, era fortemente influenciada pela *Annales* e, nesse sentido, centrada na abordagem quase exclusiva do documento escrito e arquivado - num esforço "antiacometimento" - a "história imediata" aparecia quase como uma heresia em defesa de uma "pesquisa centrada no vivo".

Apesar do importante papel desempenhado pelo trabalho de Lacouture, a tarefa de definir a história do tempo presente, parece ter implicado na desqualificação da história imediata em detrimento da história do presente. As implicações que a dimensão do imediato traz ao campo histórico têm fornecido diferentes argumentos para fomentar esse debate ao longo dos anos. Além disso, a defesa de fronteiras estabelecida entre os campos da história e do jornalismo, implicando aí numa relação de poderes datada, polarizada talvez entre "ser profissional" e "amador", acabou gerando as mais diferentes reações que seguem reverberando ruídos até os dias atuais.

No artigo “Questões para a história do presente” Agnès Chauveau e Philippe TéTart falam sobre o embaraço semântico colocado pelas terminologias usuais: História do presente, História próxima e História Imediata e sua legitimidade científica. Consideram que embora não façam referência às mesmas cronologias, as questões que se colocam a um seriam válidas para os outros dois, no sentido de que a “contração cronológica, o tipo de arquivos e a natureza dos objetos, dos campos fundam um só e mesmo tema”. A questão, portanto, seria outra e mais problemática para o historiador: o próximo, o presente e o imediato são indistintamente objetos da história? (1999:20)

O presente histórico no entendimento do historiador Carlos Navajas Zubeldia da Universidade de La Rioja - Espanha - é algo mais que uma forma de passado, é também um domínio temporal que se projeta sobre o futuro. (2003) Para Hanna Arendt, o presente é uma lacuna entre o passado e o futuro; para Goethe apenas um devir; para Bloch o presente seria um ponto minúsculo no infinito da duração e que “foge incessantemente; um instante que mal nasce morre”(2001:60).

Luisa Passerini salienta que é importante não esquecer que o presente sobre o qual nos debruçamos não é um lugar de passagem entre um antes e um depois, uma lacuna entre o passado e o futuro, mas sim, um campo de forças constituído a partir do pensamento humano, uma noção que nos permite entender melhor aquilo que o presente pode comportar de descontinuidade, de ruptura, de ponte entre o passado e o futuro. O tempo, portanto, não é um continuum, pois se interrompe no ponto onde o ser humano se encontra. Assim, a história, em especial a história do tempo presente, “pode contribuir para criar a lacuna que cada geração nova, cada ser humano deve descobrir e preservar mediante um trabalho assíduo”(1996:114).

Talvez não sejam, portanto, os limites ou as imprecisões colocadas as terminologias utilizadas sobre o tempo presente na história que complexificaria o que já é por natureza complexo. Mesmo correndo o risco da obviedade e repetição, parece importante frisar que o tempo, ou a dimensão que nos acostumamos pensar a partir de domínios distintos: presente, passado e futuro, é impreciso porque é produto de nossos pensamentos. A história do tempo presente talvez incomode mais alguns do que outros historiadores justamente porque evidencia a inter-relação existente entre estas três construções temporais: passado, presente e futuro. E nos obriga a repensar práticas, teorias, metodologias, nos colocando caminhos mais incertos, inseguros,

retirando dos historiadores uma história que possuía começo, meio e fim. Para os historiadores do presente, sempre vai faltar o fim. A história será sempre, portanto, inacabada.

Sobre história do presente, o historiador inglês Timothy Garton Ash traz à tona algumas questões que marcam os campos da história e jornalismo, chamando a atenção para o fato de que a “fronteira entre jornalismo e história (...) é a menos marcada, mas também a mais tensa e disputada” (2003). Segundo Ash, no jornalismo, descrever um trabalho como “acadêmico”, na maior parte das vezes significa dizer que o trabalho é aborrecido, pesado e que, certamente, seu caminho mais seguro será a prateleira. Para um historiador, um comentário mordaz seria dizer que seu trabalho é “jornalístico”, pois isso significa que o mesmo é superficial, espirituoso e em regra não muito sério.

Aos debates e reflexões sobre o presente, marcados entre história e jornalismo, juntam-se também a antropologia e a sociologia. Para Certeau, por exemplo, a antropologia seria a responsável por insinuar na história uma outra relação com o tempo, contribuindo para romper com a noção de um tempo linear, progressista e nítido. Dessa forma, ao invés de um tempo de contínuo avanço, os historiadores viram-se diante de um tempo “que se repete, que evolui em espiral, que tem nós e volta atrás, um tempo manhoso, enganador e cheio de sinuosidade” (1989:28).

Pierre Nora provoca os historiadores ao escrever que a história contemporânea é uma história sem historiadores, justamente porque a função historiadora “explodiu pela base e pelo cimo, esquarterada entre o jornalismo e a antropologia”. Segundo este historiador, o jornalista escreve a história do presente aproveitando o espaço deixado pelo historiador, o qual não seria mais o dono e o dispensador da escrita da história.

Ora a história contemporânea é imposta tal como ela é instantaneamente traduzida pelo jornalista. História falada, história projetada, história escrita, produto do mass media, imediatamente tocada pela marca do memorável, atravessada por uma dimensão histórica antes de ter exposto as suas conseqüências, antes mesmo de ser uma história sangrenta, bruta e crua. Se o coração da história contemporânea bate em algum lado, não é no silêncio dos arquivos, mas na algazarra de uma sala de redação ou na confusão cerimoniosa de uma conferência de imprensa (1990:530).

Se Pierre Nora tivesse escrito esse artigo depois da Guerra do Golfo em 1991, certamente iria se referir também à rede de televisão americana CNN ou mais especificamente ao papel da televisão e mesmo da internet na história do presente. Mas, evidentemente - e os atuais estudos demonstram isso -, o historiador não perdeu "seu lugar" para os jornalistas, antropólogos ou sociólogos na problematização do contemporâneo. As fronteiras é que se tornaram menos marcadas, muitas vezes transpostas, permitindo uma reflexão histórica do cotidiano vivido, demasiado diferente, incerto e inconstante para estar ancorada no passado ou em alguma área de saber específica.

A história do presente evidencia, portanto, o próprio campo da história em relação, não apenas a história e jornalismo, mas a história e antropologia, história e política, história e memória etc. Mais ainda do que outras áreas do conhecimento histórico, o historiador do presente precisa unir-se a outros saberes e disciplinas, sem os quais perde um grande número das fontes disponíveis e despreza instrumentos imprescindíveis à sua análise.

A atualidade coloca aos historiadores acontecimentos que efêmeros ou não, anunciam "encontros históricos" que ainda não se realizaram, feitos históricos que amanhã serão esquecidos e substituídos por outros. Personagens, movimentos, transformações, ideologias que chegam numa velocidade vertiginosa, legitimando o paradigma da informação constituído na década de 1970.¹⁰ Transformações e rupturas muitas vezes de difícil inteligibilidade fora do campo tangível e ao mesmo tempo virtual das relações estabelecidas entre os indivíduos e a mídia, com especial destaque para a Internet. René Rémond falando sobre o assunto escreveu que a atualidade, ao invés de poupar, persegue os historiadores (1996:206).

Inscrito no tempo como descontinuidade, o presente põe em perspectiva a atual demanda de histórias do vivido, levando, assim, os historiadores a rever suas posições. Para o historiador português Rui Bebianno (2003) a aceleração dos ritmos de mudança e a grande quantidade de informação que nos chega diariamente têm levado a maioria das pessoas a esquecer dados relativamente recentes da nossa história. Esquecimento que no domínio da prática historiográfica revela-se preocupante, ao mesmo tempo em que impõe desafios.

¹⁰ Segundo Castells, a década de 1970 marca a emergência de um novo paradigma da tecnologia da informação. Destaca-se a partir desse momento a própria informação como matéria prima (CASTELLS, 1999).

Para este historiador a história do presente poderia funcionar como um instrumento destinado a integrar a inevitável velocidade dos acontecimentos num andamento mais lento, refletido e inteligível.

Algumas questões sobre a escrita de histórias do nosso próprio tempo

Escrever um trabalho situado no presente não significa isolar os seus objetos de estudo num espaço de tempo determinado, nem abordar apenas o instante, o presente imediato. É justamente a possibilidade de lidar com o instante e ao mesmo tempo inscrever o trabalho na duração que o legitima como histórico, e aí não há diferenças tão substanciais assim de outros trabalhos situados em outros tempos. É observando, conversando, convivendo e ao mesmo tempo buscando outras fontes de pesquisa, para articular ou contrapor às coisas que vemos e os sentimentos que sentimos que muitos trabalhos históricos, situados em tempos diversos, vêm sendo construídos.

Contudo, o historiador que inscreve sua pesquisa no tempo presente precisa irremediavelmente se deparar com a questão das fontes. Não, certamente a escassez de fontes não se constitui num problema quando se trata de passados recentes. Ao contrário, concordo com Pierre Nora (1989) quando este afirma que, é justamente o excesso que se constitui um problema difícil para o historiador do tempo presente. Porém, mais ainda que a variedade é a quantidade de informações que se impõe: uma sucessão de títulos, notícias, imagens, que se renovam dia-a-dia. Na verdade, a pesquisa do presente precisa recorrer também a constantes imobilizações do complexo que observa. Além daquele recorte habitual das fontes, necessário tanto a um historiador do século XIX quanto do final do século XX, há ainda um trabalho extra: diferenciar entre a diversidade e a variedade, verificando o que de fato importa ao problema ou aos problemas estudados e, principalmente, perceber que é preciso parar de pesquisar num dado momento. Numa pesquisa que aborda o passado recente, ou melhor, que lida com sujeitos que estão vivos, e por isso em constante transformação, avançando e recuando em suas lutas e lidas diárias parar não é o mesmo que deixar de ir até um determinado arquivo, por exemplo. Há sempre alguma reportagem ou estudo que você ainda não leu porque saiu há poucos meses, ou algo que está acontecendo e que você não vai poder acompanhar...

Temperar essa pluralidade é bem difícil, mas absolutamente

necessária. Uma outra questão: ao se escrever história do presente é preciso temperar o "intenso calor" (FERREIRA e AMADO, 1996:220) que se sente em algumas situações. A história do tempo presente seduz, entusiasmo como lembrou René Rémond (1996:206), é capaz de nos levar a uma falsa impressão de maior facilidade. Imaginamos-nos capazes de fazer a história do tempo presente porque essa é a história que vivemos, faz parte de nossas lembranças e de nossas experiências. No entanto, o que mais seduz é o que também faz sofrer. Além de exigir rigor igual ou maior do que o estudo de outros períodos, a história do tempo vivido pelo historiador pode ferir, "é quase inevitavelmente uma história cruel, que fere, que faz sangrar, porque rema quase fatalmente contra a corrente da imagem que uma sociedade tem necessidade de construir acerca de si mesma para sobreviver" (NORA, 1989:53).

Essa condição da história do presente, não raro pode deixar os historiadores em dúvida, se publicam ou não os resultados de sua pesquisa integralmente. Não faltam exemplos de trabalhos questionados por pessoas que se sentem constrangidas ou frustradas por alguns resultados de pesquisas.

Pierre Nora lembrou um episódio ocorrido com Lawrence Wylie que, embora sociólogo, havia feito um trabalho histórico numa aldeia de Vacluse, Roussillon, em 1953 e não quis que o livro fosse traduzido para o francês para não causar nenhuma situação constrangedora aos habitantes do lugar. Na década de 1990 os historiadores sentem-se mais seguros ao expor os resultados de sua pesquisa do presente para o público, mas não estão menos sujeitos as suas conseqüências. Carlos Barros cita vários exemplos, em sua entrevista ao Boletim de n.º 7 da Associação de História Atual, de historiadores que, por causa do resultado de seus trabalhos, passaram por processos judiciais, citando inclusive o assassinato de um professor de Bogotá, Colômbia, em função de sua investigação sobre a máfia, o narcotráfico e a violência naquele país (2003:3/4).

Menos dramático que os casos relatados pelo professor Carlos Barros, no Brasil, cito o exemplo relacionado à historiadora carioca Beatriz Kushnir que em outubro de 2001 defendeu a tese de doutorado na UNICAMP intitulada "Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988". A tese problematizava o nível de colaboracionismo de jornalistas com a ditadura militar e foi publicada, pouco tempo depois, com o mesmo título, pela Editora Bomtempo, causando um certo furor entre os jornalistas. Um jornalista, em especial, Antônio Aggio Júnior, (2003) cuja entrevista concedida à

historiadora havia sido utilizada como fonte, acusou-a de fazer um "embuste histórico", e ter feito "terríveis acusações contra a honra e a lisura profissional dos jornalistas" que, como ele, trabalhavam no Jornal Folha da Tarde no período abordado pela historiadora. Certamente essa e outras situações constituem-se num dos problemas mais espinhosos, os quais o historiador do presente certamente vai, mais cedo ou mais tarde, se deparar, pois "quando se trabalha com carne viva, ela reage e sangra" (NORA,1989:53).

Acostumados com um ofício historicamente relacionado a almas mortas, a escritos mofados que o tempo ainda não levou, o encontro com seres de carne, ossos e sentimentos é por vezes um desafio grande demais para alguns historiadores, e talvez não se constitua assim num motivo tão grande de inveja, como provocou Chartier: "Para o historiador modernista, a história do tempo presente, pelo menos como ele a imagina, desperta um mau sentimento: a inveja. Antes de tudo, inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra as vidas" (1996:215).

É necessário aprender a lidar com o desconforto da relação estabelecida entre nossas próprias frustrações com as do outro, que indubitavelmente vai exigir muito mais esforço. Penso que é justamente o encontro na pesquisa com pessoas que nos são contemporâneas que se constitui, ainda, o grande desafio para o historiador do presente. De certa forma a história oral está para a história do presente como a arqueologia está para a história antiga. Mas não se trata apenas de fontes de pesquisa, da eventualidade de "sua fonte" ligar pra sua casa questionando essa ou aquela parte do trabalho! Trata-se de experiências comuns, de referências, de sentimentos de pessoas cujos depoimentos ou entrevistas podem não ter sido utilizados, mas que mesmo assim, sentem-se desconfortáveis pelo resultado do trabalho.

Embora a busca da "verdade histórica" seja vã, faz parte do ofício do historiador, permanece como regra mesmo que se saiba que jamais se chegará a ela. Chartier (1994) fala que além da dependência do arquivo, entendido de forma ampla, o historiador é assolado por uma intenção de verdade. Mas essa, realmente não é a questão. Todos os trabalhos podem ser questionados sob este ou aquele ponto de vista. E sob muitos aspectos é importante que os questionamentos sejam feitos. Constituem-se em oportunidades para que o historiador possa rever sua prática e defender a perspectiva abordada.

Talvez o exercício que importe mesmo para um historiador do

presente é como conviver com as lembranças, com as expectativas daquelas pessoas que fazem parte ou que constituem seu objeto de estudo. Quem está preparado para frustrar, para não corresponder expectativas criadas, para revelar o que se espera que não seja revelado? Enfim, qual historiador está verdadeiramente preparado para ser questionado por suas fontes, ou por aqueles que são contemporâneos do campo investigado?

Penso que estes desafios, estas incertezas não devem desmobilizar, muito pelo contrário, devem servir de incentivo para que um número cada vez maior de historiadores traga para o âmbito de sua investigação e reflexão, novos temas, novos tempos, outras abordagens. Uma tentativa de tornar inteligível sob "manchas de sombra e zonas de luz" não apenas seu próprio tempo, sua história, mas também a si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGGIO Jr., Antônio. "Para restabelecer a verdade e desfazer um embuste histórico". In: www.paremasmaquinas.com.br/art106.htm. Abril de 2003.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ARIÈS, Philippe; CERTEAU, Michel de; LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy; VEYNE, Paul. "A História - Uma Paixão Nova. Mesa redonda". In: LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy; DUBY, Georges et. alli. *A Nova História*. Tradução de Ana Maria Bessa. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- BARROS, Carlos. Es posible una historia inmediata? *Boletín Informativo de la Asociación de Historia Actual* - boletin@historia-actual.com - n.º 7, otoño de 2003. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cádiz, Espanha.
- BEBIANO, Rui Manoel. "Temas e problemas da história do presente". In: D' ENCARNAÇÃO, José. (Coord.) *A História tal qual se faz*. Lisboa: Edições Colibri - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, pp.225-236.
- BEDARIDÁ, François. "Tempo Presente Presença da História". FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

- BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das Ciências históricas*. Tradução de Henrique Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura - vol. 1)*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. "A visão do historiador modernista". In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CHARTIER, Roger. "Contemporânea (História)". In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Tradução de Henrique Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- CHARTIER, Roger. "História hoje: dúvidas, desafios e propostas." In: *Estudos Históricos*. v.7, n.13. RJ: Ed.FGV, 1994. pp. 97-113.
- CHAUVEAU, Agnes e TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- HOBSBAWM, Eric. "O presente como história." Sobre História. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LACOUTURE, Jean. "A História Imediata". LE GOFF, Jacques, CHATIER, Roger e REVEL, Jacques. *A Nova História*. Coimbra - Portugal: Livraria Almedina, 1990.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalista e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Tese de Doutorado em História. UNICAMP - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/SP, 2001.
- KUSHNIR, Beatriz. "Entre jornalistas e historiadores: a tarefa da História do Tempo Presente". Revista Pangea - Quinzenário de Política, Economia e Cultura. *Mídia e Cultura*, 04/05/2001.
www.clubemundo.com.br/revistapangea.
- LE GOFF, Jacques. "A nova História". In: LE GOFF, Jacques, CHATIER, Roger e REVEL, Jacques. *A Nova História*. Coimbra - Portugal: Livraria Almedina, 1990.
- NORA, Pierre. "O acontecimento e o historiador do presente." In: LE GOFF, Jacques, et. al. *A Nova História*. Tradução de Ana Maria Bessa. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- NORA, Pierre. "Presente." In: LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger e REVEL, Jacques. *A Nova História*. Coimbra - Portugal: Livraria Almedina, 1990.

PASSERINI, Luisa. "A "lacuna" do presente." FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RÉMOND, René. "Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução". FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ZUBELDIA, Carlos Navajas. Reflexiones sobre uma novissima historia-tiempo. In: *Boletín Informativo de la Asociacion de Historia Actual*. N.º 7, otoño, 2003. www.historia-actual.com. Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Cádiz, Espanha.

Sites:

www.historia-actual.com.

www.h-debate.com.

www.historiadelpresente.com .

www.ifcs.ufrj.br/tempo.

www.ihtp.cnrs.fr.

www.klepsidra.net.

www.paremasmaquinas.com.br/art106.htm.

www.ucam.edu.br/humanidades/graduação.

www.univ-tlse.fr/grhi.